

Meditações: sábado da XIX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XIX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: as crianças, “almas agradáveis a Deus”; um incómodo para o Senhor; uma ternura que liberta.

- As crianças, “almas agradáveis a Deus”.
- Um *incómodo* para o Senhor.
- Uma ternura que liberta.

CONTA São Mateus que, numa certa ocasião, apresentaram a Jesus «algumas crianças para que lhes impusesse as mãos e rezasse por elas» (Mt 19, 13). É fácil imaginar a cena: homens e mulheres que querem que os seus filhos sejam tocados pelo Mestre e reze por eles. Os bons pais querem o melhor para os seus filhos, e o melhor é que Cristo lhes pegue nos braços e os abençoe. Por isso, podemos imaginar que aqueles pais se sentiriam mais tranquilos quanto ao futuro dos seus filhos, uma vez que contavam com a bênção do Senhor.

Muitos pais repetiram esta cena desde então, a tal ponto que foi possível afirmar que «a prática de batizar as crianças é tradição imemorial da Igreja»^[1]. E o facto é que, quando se incentiva o encontro das crianças com Jesus, faz-se uma descoberta maravilhosa, porque entre Jesus e as crianças existe uma

harmonia muito singular (cf. Mt 10, 25; 18, 3). No Evangelho vemos como os pequenos se aproximam do Mestre com confiança e Ele os abraça no meio dos seus discípulos (cf. Mc 9, 36), aos quais pede que não os desprezem (cf. Mt 18, 10) e não lhes façam mal (cf. Mc 9, 42).

Para São Josemaria, crianças «quer dizer almas agradáveis a Deus»^[2]. Não há qualquer engano na forma como uma criança atua: mostra-se sempre como é, não esconde segundas intenções. Não tem medo de se mostrar necessitada: ao mínimo problema, recorre com confiança aos pais. É assim que dá glória a Deus e mostra aos adultos que a relação com o Senhor é muito mais simples do que por vezes pensamos. Por isso o fundador do Opus Dei salientava que é necessário «crer como creem as crianças, amar como amam as crianças, abandonar-

se como se abandonam as crianças..., rezar como rezam as crianças»^[3].

OS DISCÍPULOS não viam com o mesmo entusiasmo de Jesus aquelas crianças que Lhe davam para as abençoar. Provavelmente julgavam que eram um incómodo para o Senhor e pensavam: “Para Jesus, já bastam as pessoas que compreendem a sua pregação – os adultos – e aqueles que realmente precisavam dele – os doentes. Porquê perder tempo com estas crianças sem uso da razão?”. Os discípulos estavam tão convencidos deste raciocínio que tomaram a liberdade de repreender os mais pequenos e os seus pais (cf. Mt 19, 13). Já Cristo reagiu com uma frase que não deixou de ressoar na vida da Igreja ao longo dos séculos: «Deixai as crianças e não as impeçais de vir a mim» (Mt 19, 14).

Ao longo dos séculos, muitas pessoas acolheram este chamamento do Senhor. Em primeiro lugar, pais e mães, avôs e avós, que tiveram o gosto de transmitir a fé aos mais pequenos da família, ensinando-os a pronunciar com carinho os nomes de Jesus e de Maria. Juntamente com eles, muitos cristãos preocuparam-se em dar a conhecer Deus às crianças e aos jovens: catequistas, educadores, sacerdotes, religiosos e religiosas... Todos rejeitaram a tentação de pensar que o tempo passado com as crianças eram horas perdidas. Embora muitas vezes o fruto daquelas pequenas sementes só seja percebido com o passar dos anos – ou talvez nunca seja visto –, encontraram uma alegria profunda na sua missão, porque partilharam com os pequenos o que tinham de mais valioso: a fé.

Educar uma criança implica sacrifício. Qualquer pai, mãe ou

professor pode descrever
perfeitamente o que isto implica:
desistir de alguns planos pessoais, ter
muita paciência, esquecer o próprio
cansaço... É então que percebemos
que os nossos pais e educadores
viveram tudo isto connosco.
Certamente quando éramos
pequenos não nos apercebíamos do
que significava crescer. E em grande
parte isto acontece porque os nossos
pais não viam os sacrifícios como
renúncias, mas como formas de
demonstrar o seu amor por nós.
«Quando há Amor, o sacrifício é
gostoso – ainda que custe – e a cruz é
a Santa Cruz»^[4].

SÃO MATEUS conclui a narrativa do
encontro do Senhor com as crianças
dizendo que «depois de lhes impor as
mãos, partiu dali» (Mt 19, 15). A sua
preocupação e cuidado com os mais

pequenos não conduz à superproteção nem a qualquer tipo de controlo: dá-lhes o melhor que tem e deixa-os fazer crescer esse dom. Assim «é o amor do Senhor: amor diário, discreto e respeitador, amor feito de liberdade e para a liberdade, amor que cura e eleva»^[5].

Através da sua conduta, Jesus oferece-nos o exemplo do bom educador, que é aquele que conduz a pessoa para a frente, no pleno exercício da própria liberdade. Pode dizer-se que o contrário de educar é seduzir: não levar para fora, mas atrair para si, tirar ao outro algo que se deseja. O Senhor não procura tirar nada aos que dele se aproximam: «Ele não tira nada e dá tudo»^[6]. É por isso que vemos as crianças e outras pessoas frágeis tão à vontade com Ele, porque se apercebem do seu autêntico afeto: ama-as só porque sim, sem procurar nada em troca. De certa forma, também podemos

experimentar a vulnerabilidade das crianças, por isso queremos um amor que nos ame pelo que somos, e não tanto pelo que podemos dar.

Um amor que procura simplesmente possuir está destinado à infelicidade, pois não respeita o princípio básico do amor: desejar o bem do outro. «Ao contrário, a ternura é uma manifestação deste amor que se liberta do desejo da posse egoísta. Leva-nos a vibrar à vista duma pessoa, com imenso respeito e um certo receio de lhe causar dano ou tirar a sua liberdade. O amor pelo outro implica este gosto de contemplar e apreciar o que é belo e sagrado do seu ser pessoal, que existe para além das minhas necessidades. Isto permite-me procurar o seu bem, mesmo quando sei que não pode ser meu»^[7]. A Virgem Maria e São José são dois exemplos desse amor casto e terno. Muitas vezes as crianças aprendem a tratar Jesus vendo-o

como uma criança como elas, nos braços dos pais, e depois tratam-no com as mesmas carícias que Maria e José lhe dariam, as mesmas carícias que também recebem dos pais. Por isso, não é estranho que o primeiro contacto com Jesus traga consigo o aroma da infância, do terno amor recebido em casa.

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1252.

[2] São Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, n. 115.

[3] São Josemaria, *Santo Rosário*, Ao leitor.

[4] São Josemaria, *Sulco*, n. 249.

[5] Francisco, *Christus vivit*, n. 116.

[6] Bento XVI, Homilia, 24/04/2005.

[7] Francisco, *Amoris laetitia*, n. 127.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/meditation/
meditacoes-sabado-da-xix-semana-do-
tempo-comum/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-sabado-da-xix-semana-do-tempo-comum/) (13/08/2025)